

Oito jovens conseguem fugir aos bandidos

Notícias

15.9.84

Tornar-se livre, voltar à vida normal junto dos familiares, é o desejo permanente de todas as pessoas que são capturadas, levadas à força, para se juntarem às fileiras dos bandidos armados. Daí que, todas as pessoas que são capturadas procurem fugir para se apresentarem às nossas Forças e prestarem informações sobre a localização dos acampamentos para de imediato serem destruídos. Aconteceu em Waimbela, no distrito de Moamba, com oito jovens com quem a nossa Reportagem falou há alguns dias.

A região de Waimbela, no distrito de Moamba, é uma das regiões ainda afectadas pelos bandidos armados. Por isso, foi ali estacionada uma unidade militar das FPLM que começou a desenvolver as suas acções de combate contra o inimigo. Deste modo, as populações que ainda vivem dispersas, quando são capturadas pelos BA's tentam fugir e uma vez escapadas, correm a apresentar-se às nossas Forças.

É assim que, um grupo de oito jovens que tinham sido capturados, conversaram com uma equipa de Reportagem que se deslocou àquela localidade.

Estes jovens, de ambos os sexos, de idades compreendidas entre os dezasseis e os vinte e quatro anos, contam como cada um foi capturado e como conseguiram fugir dos BA's e apresentar-se à unidade das FPLM, estacionada em Waimbela.

Vasco Dias Alar, de dezanove anos, revela-nos a sua história. É natural de Betine, próximo de Pessene, onde foi capturado pelos BA's. Porque não ofereceu resistência, receando ser maltratado, foi com eles tendo-se juntado a outro grupo que os esperava.

«Apesar de não ter oferecido resistência, os bandidos amarraram-me e levaram-me aos empurrões e com armas apontadas. Antes de chegarmos ao acampamento deles, os bandidos esconderam as roupas que tinham roubado às populações enterrando-as» — disse Vasco Alar.

Depois de terem chegado ao seu acampamento, os bandidos que iam

com eles apresentaram-se ao chefe com as poucas coisas que levavam como produto da operação ao que se seguiu um ritual supersticioso.

«Depois distribuíram-nos pelos chefes para lhes servirmos de criados» — continuou Vasco Dias.

Assim, o chefe a quem ele foi entre-



Helena José que conseguiu fugir aos bandidos armados

gue, disse-lhe para começar a fazer comida enquanto lhe indicava a roupa que devia lavar logo que acabasse de cozinhar.

«Quando me apresentou a roupa

para lavar, fiquei satisfeito porque soube logo que se aproximava a oportunidade para fugir porque a roupa teria que ser lavada no rio».

Tendo acabado de cozinhar, Vasco Dias preparou a roupa mas disseram-lhe para esperar pelos outros e que levariam alguns elementos para os guardar senão fugiam.

«Finalmente chegou o momento de partida para o rio e lá fomos escoltados. Antes de chegarmos ao rio, ouviu-se muito próximo o roncar de um tanque e disseram que fugissemos de regresso à base. No meio da debandada, eu fui ficando atrás e tomei um rumo contrário ao dos outros com o meu saco cheio de roupas». Como mal conhecia a zona onde se encontrava, foi andando até desembocar numa machamba onde estava um homem a cultivar. Expôs-lhe o que lhe sucedera e pediu que lhe indicassem onde ficava a base das FPLM, para se apresentar.

«Quando cheguei aqui, apresentei-me aos militares que me pediram para lhes fornecer informações sobre a localização do acampamento o que fiz sem demoras, pois não havia tempo a perder».

Ainda segundo Vasco Dias Alar quando perguntou o nome do chefe para quem iria trabalhar, este negou-se a diz-lo, afirmando que bastava tratá-lo por «chefe».

Por outro lado, Helena José contou-nos também como foi capturada e a forma como escapou para junto dos seus.

«Estava em casa quando por volta de uma hora de madrugada apareceu, em minha casa, um numeroso grupo de pessoas entre população capturada e bandidos armados. Além de ser noite, eu estava doente mas forçaram-me a levantar para os acompanhar e, apesar dos meus protestos, bateram-me ameaçando matar-me».

Depois de quase uma hora de marcha, segundo diz Helena, disseram aos mais velhos que tinham capturado, para regressarem à casa na condição de não dizerem nada às FPLM.

«Eu e os restantes, continuámos a marcha, até chegar ao acampamento e fomos divididos em dois grupos — jovens para um lado e os velhos para outro lado, à espera do dia para sermos distribuídos pelos chefes».

No meio da noite e na confusão produzida pela movimentação da selecção, Helena juntou-se aos velhos e lá passou a noite sempre à procura de uma oportunidade para fugir. Foi assim que, quando notou uma pequena movimentação de gente que pretendia satisfazer as suas necessidades levantou-se também e escapou mata dentro.

«Tive um pouco de azar por passar perto de uma sentinela mas durante a confusão que se verificou atrás alguém provocou alguns disparos e a sentinela que vinha no meu encalço regressou, talvez para ver o que se passava no acampamento e eu continuei o meu caminho».

Mais adiante, esta jovem conta que quando ainda iam para o acampamento, os bandidos iam destruindo as machambas além de continuarem a saquear as casas por onde passavam.

Vários casos destes foram narrados pelos jovens que tinham sido capturados relatando cada qual, tudo o que viu durante o tempo que esteve nas mãos dos BA's.